

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

O Processo de Aprendizagem das Pessoas com Deficiências no Ensino
Fundamental I

ALINE LUIZA DE MOURA FREITAS

MARIANA, MG
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

O Processo de Aprendizagem das Pessoas com deficiências no Ensino
Fundamental I

ALINE LUIZA DE MOURA FREITAS

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso - artigo,
apresentado como requisito parcial para aprovação na
disciplina de Seminário VII: Conclusão de Curso Prof. Dr.
Erisvaldo Pereira dos Santos. Orientador: Prof. Me.
Marcelo Santana.

MARIANA- MG

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F866p Freitas, Aline Luiza de Moura.

O processo de aprendizagem das pessoas com deficiências no ensino fundamental I. [manuscrito] / Aline Luiza de Moura Freitas. - 2024.
33 f.

Orientador: Me. Marcelo Dias Santanna.

Coorientadora: Profa. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Pessoas com deficiência - Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Aprendizagem. 4. Material didático. I. Santanna, Marcelo Dias. II. Silva, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 376:373.3

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Aline Luísa de Moura Freitas

O processo de aprendizagem das pessoas com deficiências no Ensino Fundamental I

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 19 de outubro de 2024

Membros da banca

Ms. Marcelo Santana - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Ms. Marcelo Santana], orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 19/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2024, às 21:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0819464** e o código CRC **AF6BB29D**.

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado primeiramente a Deus, por conseguir forças. E a todos os familiares e amigos que contribuíram nesta caminhada para chegar até aqui. Pela vitória de uma corrente que nunca se quebre.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por chegar a mais uma vitória. Anjos que acreditaram no meu potencial do início ao fim desta batalha. Não foi fácil destruir barreiras e colocar outros desafios. Entre eles, foi na época da pandemia, de realizar mais um sonho de muitos anos, que nasceu a minha filha Esther Maria, que desde do ventre acompanhou a minha jornada. Aos meus pais, Fábio Márcio e Maria Aparecida, pelo carinho e apoio em tudo e à certeza de que desde sempre me apoiaram com sol, chuvas e tempestades. E a todos os familiares e amigos(as) que fizeram e fazem parte desta história. Dedico também à Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão (CAIN), as escolas que abriram portas durante os estágios, todos os projetos que participei, aos professores do curso de pedagogia, que sem eles não saberia a luta pela de uma educação melhor. Que milhares de amigos ficarão para a história durante este percurso. Ao orientador Marcelo Santanna, coorientadora Fernanda Oliveira e o monitor Hiagor. Em especial ao meu marido, Danilo Silva, agradeço pelo apoio e esforço.

RESUMO

O processo de alfabetização das pessoas com deficiências do ensino fundamental I. Os professores, ao trabalharem na sala de aula, mesmo com tantas mudanças tecnológicas, iniciam-se com um método tradicional. A instituição ainda não está preparada para os novos avanços de poder acreditar que a educação diferenciada pode estabelecer um avanço, a partir do princípio do Beabá. Que tipo de mudanças as crianças querem para estabelecer um aprendizado? Os autores desta pesquisa afirmam que um bom docente deve trabalhar com os recursos didáticos e menos métodos tradicionais e trazendo o conhecimento cultural. Fato que toda criança é inclusiva dentro da sociedade, se a sociedade é vista com os maus olhos de um mundo financeiro, que a crítica dentro da educação não é realizada somente para os professores que estão aprendendo de sua formação e cada aluno é de um jeito diferente. Nem toda deficiência é única, portanto, o olhar crítico do professor é saber que a maioria das escolas está em um processo incapacitado de receber alunos com deficiências. Todo direito está na lei e tudo nem sempre é respeitado. Se uma educação é para sonhar com o futuro do indivíduo, o pior é que ainda no século XX existem muitas exclusões do professor x aluno.

Palavra-chave: Alfabetização das pessoas com deficiências; Educação diferenciada; Recursos didáticos; Educação inclusiva; Alunos com deficiências;

ABSTRACT

The literacy process for people with disabilities in Elementary School I Teachers, when are working in the classroom, even with so many technological changes, start with a traditional method. The institution is not yet prepared for the new improvements of being able to believe that differentiated education can establish optimization, based on the “Beabá” principle. What kind of changes do children need to establish learning? The authors of this research state that a good teacher must work with teaching resources and less traditional methods, bringing cultural knowledge. The truth is that every child is inclusive within society, if society is seen with the bad eyes of a financial world. That criticism within education is not only carried out for teachers, who are learning, in their training, each student is different. Not every disability is unique, therefore, the teacher's critical view is to know that the majority of schools are unable to receive students with disabilities. Every right is in the law and everything is not always respected. If education is about dreaming about the individual's future, the worst thing is that even in the 21st century there are many exclusions between teacher and student.

Keyword: Literacy for people with disabilities; Differentiated education; Teaching resources; Inclusive education; Students with disabilities;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: MÉTODOS DE APRENDIZAGEM.....	10
1.1 PROCESSO DE APRENDIZADO.....	11
1.2 METODOLOGIAS DE ENSINO.....	13
1.3 INCLUSÃO.....	15
1.3.1 A LEI DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA É PARA TODOS?.....	15
1.3.2 MODELOS: BIO, SOCIAL, MÉDICO, PSICO, RELIGIOSO: PROCESSO DE CADA INDIVÍDUO – “ERAM TRATADOS DE ANIMAIS E COMO O PECADOR DE DEUS”.....	17
1.3.3 O QUE É REALMENTE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA?.....	19
1.3.4 NOMENCLATURA.....	20
1.3.5 A VISÃO DO DOCENTE: A TEORIA OU PRÁTICA.....	21
1.3.6 INCLUSÃO OU DEPOSITO DOS ALUNOS DENTRO DAS ESCOLAS.....	22
1.3.7 CRIAR MAIS RECURSOS E COLOCAR MAIS PROFISSIONAIS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	23
1.3.8 RECRIAR E CRIAR METODOLOGIAS PODEM SER UMA VISÃO DIFERENCIAL PARA O ALUNO? ADAPTAR AS METODOLOGIAS É SABER QUEM EU ESTOU LHE DANDO EM SALA DE AULA.....	24
1.3.9 “MONITOR É UM FACILITADOR”: COMO SERIA ESSE MÉTODO DESSE MONITOR?	25
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	26
CAPÍTULO 3: RESULTADOS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem das pessoas com deficiência no Ensino Fundamental é um tema que vem ganhando destaque nas discussões sobre educação inclusiva, refletindo a crescente conscientização sobre a diversidade de necessidades e habilidades dos alunos. A alfabetização, entendida como a capacidade de ler e escrever, é um dos pilares fundamentais do aprendizado escolar, sendo crucial não apenas para a formação acadêmica, mas também para a construção da identidade e autonomia dos estudantes. Neste sentido, a educação deve ser um espaço que promova a inclusão, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas limitações, tenham acesso a um ensino de qualidade.

Historicamente, a abordagem em relação à deficiência variou consideravelmente. O modelo médico, que predominou por muitos anos, tratava a deficiência como um desvio que precisava ser corrigido, muitas vezes ignorando as potencialidades dos indivíduos. Em contrapartida, o modelo social emerge como uma alternativa que reconhece a deficiência como uma construção social, destacando que as barreiras enfrentadas por essas pessoas são, em grande parte, resultado de atitudes e estruturas sociais excludentes. Essa mudança de paradigma é essencial para a promoção de um ambiente educacional inclusivo, onde a diversidade é valorizada e cada aluno pode desenvolver seu pleno potencial.

O papel do professor nesse processo é fundamental. Educadores capacitados são essenciais para implementar metodologias que atendam às diferentes necessidades dos alunos com deficiência. A formação contínua e a sensibilização dos profissionais da educação são necessárias para que possam criar estratégias que promovam a interação, a participação e a autonomia dos alunos em sala de aula. Além disso, o uso de tecnologias assistivas e recursos pedagógicos adaptados pode facilitar o acesso ao conhecimento, tornando o processo de aprendizagem mais eficaz e prazeroso.

A prática educativa deve ser centrada na compreensão de que cada aluno é único, com suas próprias experiências, ritmos e estilos de aprendizagem. Para isso, é necessário observar atentamente as particularidades de cada estudante, oferecendo suporte individualizado que respeite suas necessidades. O engajamento da família e a colaboração entre escola e comunidade também são fundamentais para fortalecer

o processo de inclusão e garantir que os alunos com deficiência se sintam valorizados e acolhidos.

Este trabalho, portanto, busca investigar o processo de aprendizagem das pessoas com deficiência no Ensino Fundamental, explorando as metodologias e práticas educativas que promovem a inclusão e a alfabetização efetiva. A pesquisa se propõe a destacar a importância de um olhar crítico sobre as abordagens tradicionais de ensino e a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas para que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente, contribuindo assim para uma educação mais justa e igualitária.

CAPÍTULO 1: MÉTODOS DE APRENDIZAGEM

Os professores frequentemente vêem os métodos de desenvolvimento dos alunos no Ensino Fundamental como soluções únicas para um aprendizado rápido e eficaz. No entanto, é importante entender que cada aluno tem a capacidade de aprender continuamente. Muitas vezes, o método passo a passo pode ser muito útil para o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo, ajudando-o a aprender todos os dias.

A escrita, por exemplo, é uma habilidade que começa com a prática de copiar. Magda Soares, nos anos 80, notou que a prática de ditar e reproduzir textos se tornou um modelo importante para a alfabetização no Brasil que foi um paradigma na alfabetização e também um grande avanço.

Sabemos que o aprender é infinito e o que seria esse aprendizado com pontos positivos e negativos? Formas tecnológicas inseridas no pesquisar de como ensinar ou como aprender a escutar ou ouvir é uma sobre-função que o docente pula etapas, pois os próprios pais obrigam aos docentes a uma aprendizagem rápida. Que o aprender é incapaz de ensinar e não calculam que o futuro possa ter dificuldades de saber os sons das letras e vogais. Planejar uma boa educação dentro da alfabetização do século XX, a autora Magda Soares cita dos seus processos como o indivíduo aprende:

... processo por meio do qual a criança aprende a língua escrita, a primeira colocando o foco nas operações cognitivas envolvidas na aprendizagem da língua escrita, a segunda buscando a identificação dos estágios ou fases pelos quais as crianças passam em sua progressiva aquisição e domínio da língua escrita. Em terceiro lugar, e mais recentemente, os estudos sociais culturais de leitura e escrita sua influência nas práticas escolares de alfabetização. (Soares, 2017, p.31)

Para Soares, pular etapas dos estágios é fundamental para a criança. Sendo que, certo período, a própria criança aprende com várias tecnologias a partir do século XX, que o docente tem que reaprender e como lhe dar a cada momento dessas fases. O domínio da língua portuguesa é refletir a cada conexão do professor X aluno.

A metodologia define também as pessoas com deficiências que têm o impedimento longo da própria natureza, podendo adquirir durante a sua vida. As características das pessoas com deficiências são aquelas que definem como: “física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (PLANALTO, 2015). Que tenham o direito de ter acesso em espaços informais e formais. A LEI Nº 13.146/2015 descreve que todas as pessoas com deficiências possam lutar pelos seus direitos e deveres.

Dessa forma, os estudos sobre a educação inclusiva no processo da alfabetização estão ligados entre o aprendizado do sujeito em uma sala de aula e a metodologia do professor para somar esta construção. A Magda Soares resgata a educação construída aos poucos. Ensinar o aluno não é somente de palavras e cópias, é trazer o próprio convívio dele dentro da sociedade. Cada passo desse progresso é um desafio do docente, criando diversas expectativas sem deixar bloqueios.

1.1 PROCESSO DE APRENDIZADO

O processo de aprendizado não está diretamente no ensino da escola, pois a nossa Língua Portuguesa é multicultural e um desenvolvimento de geração a geração. A nossa linguagem é baseada a partir do que ouvimos dentro do âmbito familiar... Chegando numa escola onde existem várias pessoas diferentes e um docente, tenta tirar essa cultura sem sequer pensar que ele possa estar aprendendo significados e pensar o que poderia ser dado em sala de aula. Entre os outros motivos do aprendizado, são utilizadas formas que possamos aprender e economizar tempo para

garantir um futuro rápido. Mesmo assim, ninguém imagina que a nossa língua portuguesa seja um quebra-cabeça, que cada peça é fundamental para o nosso cognitivo. As letras dos alfabetos não são apenas estoques de paredes que o aluno está memorizando a ordem. O mais importante do alfabeto são os sons que aprendemos, que seriam os grafemas e os fonemas. Formando palavras e significados de cada som de sua voz. Alguns métodos são diretamente a palavras ou frases completas, significando que o nosso alfabeto nunca esteve presente no nosso dia-a-dia.

Alguns métodos de ensino focam em palavras ou frases inteiras, o que mostra que muitas vezes o alfabeto não é utilizado no dia a dia. A comunicação mudou bastante desde o século XIX, e com a tecnologia do século XX, surgiram novas formas para os professores desenvolverem estratégias de ensino. Antigamente, professores e alunos dependiam de livros, jornais e revistas, o que tomava tempo. Hoje, com um clique, é possível acessar muitas informações rapidamente.

Essa rapidez é um ponto positivo? É importante pensar sobre como ensinar é um processo em constante evolução. Mas também existem aspectos negativos, como a tendência a buscar soluções rápidas sem refletir sobre o que realmente importa.

Lembrando que "alfabetização" começa com a letra A e não com Z, essa jornada mostra que os métodos antigos não foram em vão; eles representam uma luta diária pelo aprendizado, do A ao Z, formando palavras e seus sons. A tecnologia pode ajudar nesse processo e na compreensão da cultura brasileira.

Saber que a palavra "alfabetização" começa com a letra A e não Z. É um caminho de que o método de antigamente não seria uma perda de tempo e um sonhador lutador diário é conseguir fazer essa junção que A até Z, são letras formando palavras e com seus sons. A tecnologia lhe dá base para pesquisas e vários contextos da própria cultura do Brasil. Identificar e analisar que o processo de alfabetização é capaz de mostrar que cada aluno é monitorado fora e dentro da escola. Para Soares:

...o processo de alfabetização estão na origem do debate sobre o modelo de instrução adequado para conduzir a aprendizagem inicial da língua escrita e bons resultados - o que funciona na alfabetização. (Soares, 2017,p.134)

Contudo, que ao aprender que este processo de alfabetização seja um desafio para o docente para ensinar aos seus alunos. O copiar do quadro ou de lousa são formas que o próprio docente busca. Se uma leitura é o aprender e a ouvir, seria um método para os alunos aprenderem a escutar e somar com suas escritas. Pensar que o aprendizado seriam perguntas do nosso dia-a-dia. O lúdico para as crianças seriam métodos, memórias para que este aprendizado da alfabetização.

Soares (2017), sugere que a escrita automática deve ser acompanhada por materiais concretos e desafios que façam sentido para as crianças. Os educadores sempre se perguntam: “Como se deve ensinar a ler e a escrever?”.

1.2 METODOLOGIAS DE ENSINO

O que seria a metodologia de ensino, entre a educação, é uma boa ação? “Uma metodologia de ensino é uma forma de ensinar com recursos e procedimentos específicos, tendo em vista um objetivo definido.” (EDUCACIONAL, 2024). Nem toda ação é uma reação de resultados que qualquer método pode ser realizado ao docente. É capaz de resultar a cada diferença de uma visão crítica de cada ser humano. Entender que nem tudo podemos seguir com processos de aprendizado. O aluno tem o seu direito de aprender e compreender cada passo pode ser importante durante a sua caminhada, desde os anos iniciais até o superior.

Para Soares (2017), Vygotsky cita que: “Fases de desenvolvimento no processo de aprendizagem da escrita.”(Soares, 2017, pág.342), a criança aprende passo a passo com um mediador, que teria um processo de iniciação de escritas e sons das letras e das palavras. Com esta metodologia, podemos destacar que o aprendizado é valorizado pelo ambiente familiar e cultural. Passando pelos processos em que a própria cultura da criança possa estar ligada em meios de comunicação, como escritos e visuais. Que o docente deve pensar como colocar a metodologia dentro de sala de aula. Que uma boa iniciação da alfabetização é destacar uma forma

da linguagem da própria criança e como não imaginar ou mesmo se identificar aquilo que seria ensinado pensando nos processos de formas lúdicas. Para Soares:

... a alfabetização deve ser iniciada, o que pode explicar a polêmica em torno de a educação infantil poder ou dever ocupar-se, ou não, do processo de aprendizagem da língua escrita pela criança (na verdade, dar prosseguimento, ou não, ao desenvolvimento da criança na compreensão do sistema alfabético de escrita.). (Soares, 2017, p.344)

Como Soares (2017) destaca, a alfabetização deve começar desde cedo, gerando debates sobre a importância da educação infantil no processo de aprendizado da escrita.

O que seria a metodologia de um sistema de mostrar a capacitação do docente aos discentes? São fórmulas buscadas de métodos antigos com as atuais que, entre elas, podem que o ensino, ao mesmo tempo, dê uma diminuída, contendo que o docente é a tela de um computador, celulares e outros meios tecnológicos. Facilitar o ensino do próprio aluno ou mesmo uma cópia das próprias palavras escritas e os sons delas, no ambiente em que somos multiculturais.

Que recursos didáticos são materiais que possam servir em vários momentos do ensinar e como ensinar? Estratégias de reaprender com novas fórmulas. Um clique é um ensino que você apenas espera menos de segundos em cada pesquisa.

Não importa o que seria a própria metodologia, pois a cada minuto do nosso tempo já é pensada uma leitura da alfabetização. A questão de estudar e escolher o melhor para o aluno é pensar que o construtivismo não é algo de fora de moda... excluir a tecnologia entre métodos de pesquisas e construir na mente do aluno não seria formas mecânica e pensar a construção de ver e repensar como a educação vem dada o diferencial é entender o multidisciplinar. Quem pode reafirmar que a alfabetização é perfeita? O verdadeiro docente é enfatizar com o aluno da própria cultura.

Decifrar uma boa alfabetização, para Soares, é entender o que seria este ensino de construtivismo, que a metodologia pode ajudar uma boa aprendizagem para cada criança com mediador. Um bom professor é construir e perceber cada importância desse aluno que faz a diferença. Que a base de tudo pode levar algo a mais dentro da sala de aula. Assim que:

... *ensino construtivista* e um *ensino explícito*: de um lado, o argumento de que os alunos aprendem por *construção* do conhecimento sobre o sistema alfabético; de outro, o argumento de que os alunos, ao contrário, aprendem por *instrução e orientação explícitas* sobre o sistema alfabético. (Soares, 2017, p.336)

Para Soares (2017), explica que uma boa educação não revela um método robótico. Buscar o processo da alfabetização de aprendizagem é resgatar a própria cultura do aluno.

1.3 INCLUSÃO

1.3.1 A LEI DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA É PARA TODOS?

A lei da inclusão, sabemos que tudo tem o início e os motivos pelos quais surgiu o direito e o dever do ser humano. Para entender um pouco mais dessa desigualdade que cada critério tem a favor e contras. Tudo decretado pela lei é de fato uma fantasia e mesmo assim é uma grande conquista de uma pessoa com deficiência. Todos os direitos são basicamente que a pessoa possa ser livre arbítrio para ter suas conquistas. A natureza já revela que cada ser humano nasce para ter sua missão na terra, pois muitas delas são manipuladas igual à marionete.

As pessoas com deficiências dentro da educação retratam que cada indivíduo é diferente, de uma crítica, o indivíduo cresce dentro do processo da alfabetização.

O que revela ao docente que é capaz de colocar autonomia e não coloca o espaço para este aluno. Todas as barreiras, encontramos diversas áreas e outros

momentos ocultos. Dentro da sala de aula, o discente é transparente com a sua deficiência, nem um laudo dado pelo profissional e, para este aluno, o professor não percebe que a deficiência dele não está visível há muito tempo, e estuda a sua psicobiosocial. O olhar do professor vale mais do que uma escrita, sendo que uma letra pode ser fatal ou um início de uma esperança a cada ser humano. Segundo Marco Melo, descreve que “o espaço escolar - ambiente de socialização, interações, desenvolvimento e de aprendizagem é permeado por práticas educativas...”(FRANCO, 2018, p.100).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira foi criada para todos que tenham acesso à educação, aos seus direitos e deveres de estarem estudando, seja na educação básica ou até no ensino superior. A LDB 9394/94 consta que todos os seres humanos possam estar em sala de aula. Sendo que dentro da educação inclusiva existe um preconceito do próprio docente, pois a educação envolve mudanças e práticas para todos. Diante de um artigo da LDB:

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigí-lo. (Planalto, LDB 9394/96).

A educação inicia dentro do próprio âmbito familiar, que a própria escola não faz milagre, entendo que o aluno tenha o direito de começar desde da educação básica até o ensino superior. No ensino fundamental existe um preconceito entre o aluno e o professor que amadurece palavras e pensamentos. O desafio dentro da sala de aula é superar limites e barreiras. Muitos docentes desafiam a própria lei tirando a lei do próprio aluno, infelizmente poucos reconhecem. Na Lei nº 13.146 no capítulo II sobre “Da Igualdade e da não Discriminação” cita-se que:

Art. 4o Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação. § 1o Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de

distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. (Planalto, Lei nº 13.146).

Neste artigo mostra-se que a desigualdade está dentro da própria escola referente ao docente. A pessoa com deficiência tem o direito à educação. O discriminar pode colocar um bloqueio, sendo que os estudos levam a desistir.

Toda educação inclusiva inclui todas as pessoas com dificuldades dentro da alfabetização como uma palavra e uma imagem associando aquilo que pode ser interpretado. Embora a luta pela a educação esteja mais de uma forma política do que entender os direitos de cada indivíduo. Obriga-se que:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos... (Planalto, Lei nº 13.146).

A educação é um direito para todos, por isso devemos respeitar e educar a cada indivíduo. O respeito não somente do professor X aluno, identificar quem somos nós dentro da educação inclusiva.

1.3.2 MODELOS: BIO, SOCIAL, MÉDICO, PSICO, RELIGIOSO: PROCESSO DE CADA INDIVÍDUO - “ERAM TRATADOS DE ANIMAIS E COMO O PECADOR DE DEUS”

Antes do processo da pessoa com deficiência, quanto no Brasil e outros países, os seres humanos eram tratados como animais ou maus vistos como homem da fé. As famílias eram julgadas e consideradas ao julgue de Deus. Nem tudo era pela sua deficiência, como pela sua cor da pele, ou seja, negros e das classes sociais. A vida de ser alguém era uma exclusão ou até mesmo de sentir ser alguém durante essa passagem, que a lei era somente o decreto de um “DEUS HOMEM”, mandado de tudo sobre a educação e o proclamar que quem era realmente ao Deus, quem sugeria como tantas comandas... baseando com as exclusões que tivemos na época voltada que a lei inclusiva possa estar interligada dentro da educação que somos capacitados

de uma construção de um foco. A inclusão dentro da educação é referente a tudo que pode estar presente ao mesmo tempo de um afastamento.

Quando falamos sobre deficiência, é interessante notar que existem diferentes maneiras de entender o tema, e essas abordagens podem influenciar bastante a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Entre os modelos mais discutidos, temos o religioso, o médico, o social e o psicossocial.

Primeiramente, o modelo religioso tende a ver a deficiência como uma questão de fé. Muitas vezes, acredita-se que a deficiência seja uma punição ou um teste divino. Nesse cenário, as pessoas com deficiência são vistas como alvos de compaixão e caridade. Essa abordagem pode levar a um olhar paternalista, onde a sociedade sente que precisa "salvar" essas pessoas, sem considerar suas capacidades e autonomia.

Já o modelo médico se concentra na deficiência como algo que precisa ser diagnosticado e tratado. Aqui, a deficiência é vista como um desvio em relação ao que é considerado normal, e a ideia é que, através de intervenções, a pessoa pode se adaptar ou até ser "corrigida". Embora essa visão tenha trazido avanços na saúde, ela pode ser bastante redutiva. Muitas vezes, essa abordagem ignora o que as pessoas com deficiência realmente precisam e deseja, priorizando o tratamento em vez da inclusão.

Por outro lado, o modelo social propõe uma visão diferente: a deficiência é uma construção social. Nesse modelo, o que limita as pessoas com deficiência não é apenas a condição em si, mas as barreiras que a sociedade impõe, sejam físicas, atitudinais ou sociais. Aqui, a inclusão é promovida ao remover essas barreiras e criar um ambiente que acolha a diversidade. Assim, fica claro que a deficiência não é apenas um problema individual, mas também uma questão de como a sociedade se organiza.

Por fim, temos o modelo psicossocial, que combina aspectos dos modelos social e médico. Ele vê a deficiência como uma interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Esse modelo reconhece que a deficiência pode afetar a identidade e o bem-estar emocional da pessoa, mas também ressalta a importância de um ambiente inclusivo. A ideia é que, para promover a inclusão, precisamos

entender as experiências e sentimentos das pessoas com deficiência e garantir que elas tenham o apoio necessário para viver plenamente.

Esses diferentes modelos nos mostram como podemos entender a deficiência de maneiras variadas. Para que possamos avançar na inclusão, é fundamental refletir sobre como cada um deles impacta nossas ações e atitudes em relação às pessoas com deficiência. Ao abraçar essa diversidade de perspectivas, podemos criar uma sociedade mais justa e acolhedora para todos.

Em 1994, a Declaração de Salamanca foi um marco importante, reconhecendo o direito à aprendizagem de todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências. A declaração afirma que todos devem ter acesso à educação no sistema regular. Afirmando que:

a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados. (Portal Mec, Salamanca).

Se a educação é para todos, acima do patamar com diversos olhos e palavras define que a exclusão existe até hoje. Uma inclusão não saberia que a vida acadêmica do aluno poderia estar em jogo? Obstáculos ou mesmo um diferencial dentro da educação cultural e financeira. A lei da educação inclusiva ressalta que quaisquer deficiências tenham direito de estar em sala de aula. Em vista, o docente ainda escolhe o seu aluno tirando o direito de seu pensamento não ser igual.

1.3.3 O QUE É REALMENTE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA?

O que significa ser uma pessoa com deficiência? Isso varia para cada indivíduo, e a definição de deficiência envolve impedimentos que interagem com diversas barreiras. Essa perspectiva ressalta a importância de um ensino inclusivo, onde todos são tratados de forma diferenciada e recebem as adaptações necessárias.

Toda reflexão tem um acesso que cada pessoa se identifica com a realidade de ser ou mesmo não entendi. O que a vida passa a cada segundo de nossos olhos. Comparando com a pessoa deficiência quem está por trás de um corpo ou uma atividade é o seu próprio “EU”, sabendo que o reflexo do espelho é o próprio docente, se caracterizando um ato de ensinar ou mesmo um registro negativo para a vida toda do indivíduo.

Se a deficiência é oculta, como a educação pode estar em cada movimento de um professor a entender quem seria o ser humano? As palavras são feitas para identificar e esclarecer quem ou como seria esta visão do profissional nas escolas? A deficiência define como: “pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que, em interação com diversas barreiras” (TJDFT, 2022). Se pensar cada uma delas um recurso didático e incluir todos os alunos do ensino fundamental por exemplo e sabendo de cada um aluno tem aquele que pode tratar de uma maneira desprezada, pois a educação inclusiva expõe que o docente é obrigatório tratar e trabalhar de maneiras diferenciada com adaptações.

1.3.4 NOMENCLATURAS

Dentro da educação inclusiva, normalmente cada ser humano é diferente do outro, não somente pela aparência e por ser o que ele realmente se identifica. Com base nas leis dos homens, sem uma aprovação é chamado de bullying. Antes de tudo aprendemos que os nomes eram fortes e sem entender os motivos. Homens ou bichos? Diziam que o pecado de Deus afetou o indivíduo e a família. Muitos o conhecem como portador de deficiências, cadeirante, homem de uma perna só e outras linguagens. Em volta do século XIX e século XX, não houve muitas mudanças no linguajar... pois existem leis e formas corretas de falar e expressar. O bullying, não é somente para as pessoas com deficiências, o docente deve trabalhar de uma forma geral com seus alunos e principalmente entender que cada ser humano tem o seu aprendizado. A diferença para Candau é tratar todos como só única igualdade dentre uma sala de aula, sendo que o modo é mesmo a vivência não seria um trabalho de uma desigualdade com uma barreira que os olhos veem e com tantas as palavras podem virar trauma para uma criança entre as faixas etárias de 6 a 10 anos. Descreve que:

... atualmente a questão da diferença assume a serem iguais, mas o direito de afirmar a diferença em suas diversas especificidades. Pessoalmente, me inclino a defender que certamente há uma mudança de ênfase e uma questão de articulação. (CANDAU, 2012, pag.240).

Autora coloca-se que uma diferença ou a igualdade podemos encontrar dentro de uma sala de aula. O bullying pode afetar até mesmo a si próprio.

Mesmo com tantos estudos, geralmente a educação é um quebra-cabeça para uma geração que não sabe entender o porque EU sou assim e outro é diferente. Nomenclaturas, não é somente siglas das fórmulas químicas, por exemplo, contanto a cada palavra pode afetar um indivíduo. Quem ensina um ao outro é a própria pessoa. Se o profissional é preparado para tantos estudos, ele realmente estará preparado para seguir a sua profissão? Ouvir ou escutar? Nem mesmo as palavras são válidas, nem mesmo para que a pessoa com deficiência possa estar incluída dentro turma com apoio de todos. A educação é de fato harmonizar o máximo de nomenclaturas e o próprio docente comece a nomear formas corretas ensinando que a educação é para a vida.

1.3.5 A VISÃO DO DOCENTE: A TEORIA OU A PRÁTICA.

A escola passa por capacidade de tratar os alunos com deficiências em métodos de teoria de uma forma positiva para que possam obter esse resultado em questões políticas. Para o docente nem tudo é relevante em métodos de teoria e nem da prática é entender cada sentido ou mesmo divisor de águas. Cada indivíduo tem sua cultura e como lidar com a própria crítica da educação escolar. O professor passa a sua vida toda estudando, sonhando cada momento como será a sua prática nas escolas e no momento dentro do mercado de trabalho ele é obrigado a mudar os seus planos e sabendo que nem tudo são flores. Quem são os verdadeiros educadores dentro da nossa educação? Cada função do docente é querer o seu melhor e ter o diferencial, saber que cada sentido não faz uma diferença dentro das políticas públicas. Que o resultado é sempre o maior, que os alunos são os melhores entre os panos. Quem sente o resultado são os alunos e os professores, cada ano/período que passa o próprio professor é obrigado nos primeiros dias a lembrar as disciplinas.

Imagina para um aluno que aprende meio segundo das matérias e métodos de coordenação motora.

Fazer a diferença dentro de uma sala de aula para o docente não seria um modo fácil e mesmo surpreendente ao desafio de reconhecer a cada indivíduo. Para Mantoan a “diferença entre” o desafio do docente não está nas teorias e em colocar mudanças e propostas. A inclusão revela que: a cada “cenários sociais é ainda uma gigantesca tarefa”.(MANTOAN, 2011, pág.103). Colocar os desafios seriam um grande avanço entre os métodos para todos os alunos. Faz pensar que o docente não seria apenas aquele profissional durante a sua formação acadêmica para ensinar o básico e escolher desafios. Ninguém sentirá pronto colocar uma diferença, ninguém é capaz de lhe dar com cada indivíduo, mesmo assim cada professor pode enfrentar a cada instante o seu próprio desafio.

1.3.6 INCLUSÃO OU DEPÓSITO DOS ALUNOS DENTRO DAS ESCOLAS.

O processo de aprendizagem da alfabetização é uma forma que tem o dever que cada aluno adquire durante a gestação. Com o tempo a criança cresce, aprende diversas línguas e observar a cada passo dentro do âmbito familiar, por exemplo, a medida do crescimento ela aprende outras linguagens. À medida que a criança vai para a escola é observado que o mundo não é somente “pai e mãe”. A escola acolhe e entende que o aluno pode aprender e alcançar nossos objetivos. Sabendo dentro da sala de aula, o professor observa cada indivíduo e um deles é um aluno com deficiência. Dentro da sala de aula, por exemplo, a soma de 20 + 1 no total de 21 alunos, que seria a fala do docente na forma correta. De um aluno será que realmente a escola está preparada para receber alunos com deficiência ou seria um depósito que a inclusão está dentro dessas leis. A visão de uma linguagem que a deficiência não se classifica por ser um registro de um laudo é reconhecer o que realmente o aluno se passa e como um estudo de testes dentro das instituições. Saltando que a maneira que o professor se dá conta de perceber quem é o aluno e como receber novos métodos de aprendizagem. Apesar que a própria tecnologia é um grande recursos de informações e ao mesmo tempo uma balança.

1.3.7 CRIAR MAIS RECURSOS E COLOCAR MAIS PROFISSIONAIS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Entre um ser humano e um objeto é totalmente diferente, pode ser trabalhado entre uma sala de aula ou uma multidisciplinar, para a adaptação o aluno entende que a função do professor e do professor de apoio. É estudar a cada função que o docente possa entender as disciplinas. Recursos didáticos e educacionais não se aplicam apenas nas instituições e o acréscimo dos familiares apoiados pela própria escola é muito importante nas suas funções e dos currículos adaptados para os alunos com deficiências. Para isso entendemos que existem muitas leis e regras, o que sabem que cada aluno é diferente daquele aluno e para a soma de um aluno com deficiência. O AEE é uma função muito importante de contratar mais profissionais na área da educação, como estudar “palavras” é começar do Beba seria um apoio de administrar cada letra e utilizar mais brincadeiras e jogos que o aluno. Diante a educação básica o AEE descreve como:

Art. 2º. O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem; Parágrafo Único. Para fins destas Diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na Educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços. (CNB/CNE, 2009)

Ler e escrever é possível que o aluno aprenda desde berço com as mediações dos familiares, sendo que o impossível possa se tornar o possível para a sua educação e não deixando um “vácuo” na vida do indivíduo. As escolas colocam um limite para que o aluno consiga seguir regras e não enxergar que o mundo possa te ensinar mais se colocando as barreiras. Possibilitando que a cada recurso didático para o discente facilite que o professor coloque-se nas adaptações e reconhecendo que a escrita não é somente uma metodologia entre um a cada 100 atividades do professor disponibiliza folhas impressas.

As interações entre o docente e o aluno é capaz de criar um vínculo de um processo educacional. Pois a capacidade de estabelecer a educação é educar e não uma escrita. A educação gera recursos didáticos para as pessoas com deficiências dentro da sala de aula. Pensando no filósofo Paulo Freire:

É preciso, por outro lado, insistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinde da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. ... Permanência do hoje a que o futuro desta problematização se reduz. (Paulo Freire, 1996, pag 90 e 91)

Para cada docente em sala de aula, seja empatia ou mesmo uma superação de cada aluno, a inclusão não seria tão exclusiva enfim que a própria alfabetização avançaria a cada vez mais. Paulo Freire ressalta que a educação supera qualquer obstáculo.

1.3.8 RECRIAR E CRIAR METODOLOGIAS PODEM SER UMA VISÃO DIFERENCIAL PARA O ALUNO? ADAPTAR AS METODOLOGIAS É SABER QUEM EU ESTOU LHE DANDO EM SALA DE AULA.

Mudanças sobre a metodologias podem ser uma visão entre pontos positivos ou negativos dentro da sala de aula. Adaptar as metodologias é saber quem eu estou lhe dando dentro da sala de aula e para quem e que forma ingressar a cada aluno. A sala de recursos para os alunos com deficiências. A inclusão é para eles ou são os demais indivíduos? Quem seriam os sujeitos?

A visão de um docente é uma forma diferenciada de uma luta durante a sua formação acadêmica. Pois cada ser humano revela a sua deficiência e não pela aparência. Nem todos recursos pedagógicos são formas de conhecer o aluno, é correr atrás do seu histórico familiar e aos poucos trazer o indivíduo para o âmbito escolar. A soma de cada um é fundamental para um estudo da própria instituição e principalmente do docente. A educação existe barreiras entre nas escritas e nas explicações do professor. A importância do profissional permite que:

(...)“identificar, elaborar, e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos,(PERTILE citado por BRASIL, 2008, p.8).”.

Será que realmente há uma possibilidade de prever que a deficiência está somente nessas barreiras? A educação é para todos, dicas e superações para sublimar o aluno a capacidade de querer ser igual ao outro. Formas de expressar e entender o mundo não é apenas um redondo perfeito, partes importantes de uma carreira acadêmica.

1.3.9 “MONITOR É UM FACILITADOR”: COMO SERIA O MÉTODO DESSE MONITOR?

Dentro da educação inclusiva vemos que a beleza é uma escrita de um modo que passa pelos nossos olhos. Na prática somos obrigados a entender quem sou eu e quem é o outro. A defesa de uma crítica entre os profissionais capacitados e os alunos, é uma intriga entre a política e o alvo dentro da própria educação. Não basta ser apenas um crítico sobre as leis e não praticar o que realmente passa por cada indivíduo de nossa sociedade. O monitor é um facilitador de um espaço que o aluno com deficiência, pode estar adquirido com outros alunos da mesma sala de aula. Como será essa atitude para o professor e o monitor inserir o aluno entre as atividades? Seria um desafio para entre o profissional da educação ou um desafio de querer se adaptar com este aluno. Constar que a sala de aula é incluir o aluno com deficiência. Para que a instituição possa facilitar esta adaptação o professor de apoio do Atendimento Educacional Especializado - AEE, é contrato para que o aluno possa aprender mais com outros recursos didáticos como métodos avançados das tecnologias assistivas. Entre todas as tecnologias, o alcance de querer mais profissionais na área. É promover o que realmente os resultados da educação dentro e fora da escola, assim que a capacitação leva uma realidade que o monitor possa alcançar os seus objetivos. Cada recurso alcançado. É trabalhar a mente e entender que a criança tenha facilidade de aprender a cada vírgula, para isso a família poderia repassar informações, trabalhar em grupo. Mesmo com todos os laudos médicos, não aprendemos como um inscrito assinado pelo o profissional da saúde. Uma interdisciplinar facilita o aprendizado aluno x professor.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA

Sobre este capítulo descreve uma pesquisa qualitativa, que são estudadas e dentro da área de conhecimento que são os artigos, vídeos, imagens e os seres humanos, outros estudos de uma pesquisa de campo. Esta pesquisa qualitativa é uma descrição do que foi observado sem colocar números nas pesquisas referente a pesquisa quantitativa.

Mediante a pesquisa qualitativa, a descrição do docente dentro da sala de aula. A função do professor entre o aluno com deficiência. Questionar que dentro da sala de aula não existe apenas o professor X aluno, que a vivência da socialização é extremamente importante. Para Ivani Fazenda ao descrever a metodologia não é de fato simples, porém que o leitor deve imaginar o que o pesquisador pretende colocar em cena em sua pesquisa. Mesmo com a descrição pode-se dizer que:

no que se refere à descrição em si, porém, não há lugar para uma distinção branco-preto dizendo-se que ela é verdadeira ou falsa. Descrição, descrever implicam sempre um sucesso... dizer-se que sua emissão satisfaz as condições para uma descrição, isto é, que ela é suficientemente ampla, justa, precisa e equilibrada. (FAZENDA, 2000, pág.57)

A autora descreve que o branco-preto, o pensamento e a visão de um leitor não é somente uma metodologia do professor, nem tudo o que parece ser... uma pesquisa possa entender que uma crítica é mais do que mil palavras. Nem todos os estudos valem para entender o próprio aluno com deficiência. A divisão de um leitor para o pesquisador não se aplica à mesma língua.

Dentro do processo da alfabetização na Educação Básica é de fato que o aprendizado não seria o Bê-a-bá, conforme a lei própria do ser humano que a primeira língua é fixada na memória da criança. Um bloqueio a partir desse aprendizado, o aluno será estudado pelo professor, entendendo o âmbito familiar ou mesmo os desafios.

Conforme o processo de crescimento entre o alfabeto e frases montadas que o professor acelera os métodos da codificação e decodificação, em uma linguagem é traduzida que a prática desse aluno possa variar e sempre variar os métodos.

Observar que no processo de aprendizado da alfabetização dentro da disciplina língua portuguesa aos profissionais dessa área, entender que os alunos falam a mesma linguagem do professor, sendo que a cada vinte ou mais alunos dentro da sala de aula existe um com dificuldade de acompanhar a turma. O aprendizado do aluno com deficiência é o diferencial do planejamento do docente. A visão do profissional dentro da área da educação abrange que os estudos acadêmicos não acabem uma vírgula fora dos seus planos dado a própria metodologia do indisciplinar.

Ao identificar uma proposta da metodologia que o professor fez o seu planejamento durante a sua jornada de trabalho é estabelecer que uma delas estabeleceu somente para os seus “alunos queridos”, o diferencial é a negação do preparado, pois o desafio para ele é mais um trabalho constante.

Dentro do próprio bloqueio do aluno o processo ao ensinar a alfabetização entre som e imagem. Este método diferencia o hábito que o aluno possa estar avançando a cada dia.

O próximo passo do professor é ter este equilíbrio que a visão não esteja somente ao um ponto, ou mesmo de querer que o ensino seja adaptado para todos os seus alunos. Ao dialogar dentro da sala de aula, o discente estará mais tranquilo com nenhum bloqueio. Isso pode ser verdadeiro ou falso para os leitores, nem tudo percebe que uma boa educação é lembrada e vista aos bons olhos. É preciso entender que dentro dessa pesquisa possa ter dificuldades de relacionar o concreto dentro da sala de aula. Fazenda descreve “nos trabalhos de pesquisa se esforçam por assumir uma perspectiva dialética ...” (FAZENDA, 2000, pág.81). Contabilizando uma praticidade dentro do esforço do professor, fato que o bom esforço desta pesquisa educacional é entender o que se passa nos pensamentos dos seres humanos dentro do âmbito da educação.

O aluno com deficiência poderá evoluir o seu aprendizado com adaptações entre as atividades tradicionais e tecnologia retirando todas as barreiras físicas e manuais. O direito do aluno dentro das instituições e o uso dos materiais didáticos e recursos adaptados para toda a sala de aula, mesmo existindo uma exclusão.

A diferença da pesquisa quantitativa nesta metodologia é a análise de dados que insere diante de uma educação. O método para todas as pesquisas é uma descrição de uma crítica entre o professor e o aluno com deficiência.

estudos quantitativos em educação, especialmente os que se utilizam de técnicas de análise mais sofisticadas, mais flexíveis e mais robustas, não são realizados por educadores mas por pesquisadores de outras áreas que se debruçam sobre o objeto educação (economistas, físicos, estatísticos, sociólogos, psicólogos, etc.). (GATTI, 2004, pag 14)

Esta pesquisa não estabelece em números de uma forma que o professor possa criar vários métodos diferenciais para que o aluno não seja prejudicado. Uma boa recriação dentro da instituição seria a própria instabilidade do indivíduo, sem colocar bloqueios. A visão crítica não se torna um bom aluno, a situação na sala de aula é uma inclusão, mas, ainda assim, há exclusão.

Para Gatti, que a vida social do aluno associa entre a escola e o âmbito familiar. O bloqueio interfere na aprendizagem e mostra-se que “quanto mais baixa à origem social do aluno, mais baixas as notas obtidas e mais altas as porcentagens de repetência” (GATTI, 2004, pág 23). Entre a educação básica até o ensino superior leva o indivíduo a criar uma negatividade.

Entender que a educação básica, para os profissionais da área, é um sistema robótico ou mesmo a cada passo seria um avanço. Pensar que a rotina de um docente poderia ser algo inesperado ou mesmo tudo perfeito. Entrar na metodologia do diferencial seria um impacto, pois a sua vida educacional acadêmica, foi apenas um objetivo de “ensinar”.

Portanto, a pesquisa qualitativa se descreve em uma observação do pesquisador e o leitor se imagina como o docente trabalhou dentro da sala de aula. Que a metodologia para os alunos com deficiência é evitar os bloqueios dentro do processo da alfabetização. Incluir os recursos pedagógicos não somente deste aluno, que toda a instituição estará incluída. Que a educação básica é de fato um início de um progresso para a vida do indivíduo sendo que o psicobiosocial ajuda a desenvolver um avanço da descrição do professor de sua metodologia. O método da sala de recursos, os profissionais da área da educação são dedicados a fazer a intervenção com as atividades pedagógicas, somando com os docentes que uma boa educação inclusiva se resume de uma empatia de uma produção mais eficaz. Nenhuma barreira para que o aluno possa estragar o sonho de ser alguém na vida.

CAPÍTULO 3 RESULTADOS

O estudo sobre os métodos de desenvolvimento no Ensino Fundamental, voltado para alunos com deficiência, reafirma a importância de uma abordagem educacional inclusiva e adaptada às necessidades de cada estudante. Ao longo do trabalho, foi possível perceber que o processo de ensino-aprendizagem não pode ser limitado a métodos rígidos ou estratégias padronizadas. Cada aluno possui características únicas que demandam um olhar atento e uma atuação pedagógica flexível, sensível às suas particularidades.

A alfabetização, como um dos eixos centrais da educação, foi discutida de forma a evidenciar que o seu sucesso depende, em grande medida, de metodologias que respeitem o ritmo e o contexto de vida dos alunos. Autores como Magda Soares ressaltam que, apesar da busca por novas tecnologias e recursos pedagógicos, práticas tradicionais, como a leitura e a escrita diária, continuam a ser fundamentais. Além disso, o papel do professor como mediador entre o aluno e o conhecimento se destaca como fator essencial no processo de inclusão.

Por meio de uma análise crítica dos diferentes modelos de compreensão da deficiência como os modelos religioso, médico, social e psicossocial este trabalho demonstrou que a educação inclusiva deve ir além do simples cumprimento de normas legais. A inclusão verdadeira só será efetiva quando a escola se tornar um espaço onde as barreiras físicas, sociais e atitudinais sejam continuamente combatidas, permitindo que alunos com deficiência possam participar plenamente das atividades educacionais.

Além do uso de metodologias adequadas, a importância da colaboração entre escola e família foi destacada como um elemento chave para o sucesso do processo de aprendizagem. A integração entre os diversos agentes envolvidos na educação do aluno com deficiência fortalece a construção de um ambiente de apoio mútuo, no qual as dificuldades são compreendidas e enfrentadas de forma coletiva.

Por outro lado, a formação contínua dos educadores é essencial para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas. A atualização constante em relação às novas metodologias, tecnologias assistivas e abordagens centradas no aluno permite que os professores se sintam mais preparados para lidar com a diversidade em sala de aula. Investir em capacitação e troca de experiências entre

educadores também contribui para a construção de uma comunidade escolar mais coesa e comprometida com a inclusão.

Além disso, a promoção de uma cultura escolar inclusiva deve ser uma prioridade para as instituições de ensino. Isso envolve a sensibilização de todos os membros da comunidade escolar, desde gestores até os próprios alunos, sobre a importância da inclusão e do respeito à diversidade. Atividades que celebrem as diferenças e incentivem a empatia podem ajudar a criar um ambiente mais acolhedor, onde cada aluno, independentemente de suas habilidades, se sinta valorizado e motivado a participar ativamente do processo educacional.

Assim, conclui que o processo de aprendizagem dos alunos com deficiência no Ensino Fundamental requer uma postura crítica e reflexiva por parte dos educadores, com ênfase no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. É necessário que o foco seja colocado na individualidade e potencialidade de cada aluno, promovendo não apenas o aprendizado formal, mas também o desenvolvimento de suas habilidades sociais e emocionais. A construção de uma educação inclusiva e de qualidade exige o compromisso de todos, refletindo os princípios de equidade e respeito à diversidade.

Em suma, a pesquisa aponta que, para que a educação inclusiva seja plenamente eficaz, é imprescindível que as escolas, os professores, as famílias e a sociedade como um todo estejam engajados na criação de condições que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos com deficiência, promovendo um ensino que valorize o potencial de cada um e ofereça as oportunidades necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

CANDAU, Vera Maria Ferrão . Diferenças Culturais, Interculturalidade E Educação Em Direitos Humanos. Educ. Soc., Campinas, V. 33, N. 118, P. 240, Jan.-Mar. 2012

CONHEÇA 8 NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO PARA A SUA ESCOLA. Educacional, Ecosistema de Tecnologia e Inovação, 2024 . Disponível em: <<https://educacional.com.br/gestao-escolar/novas-metodologias-de-ensino/#:~:text=Uma%20metodologia%20de%20ensino%20%C3%A9,em%20vista%20um%20objetivo%20definido.>>. Acesso em: 23, maio e 2024.

FAZENDA, Ivani C. A. **Metodologia da Pesquisa Educacional: O Enfoque Da Dialética Materialista Histórica Na Pesquisa Educacional**. Cortez, São Paulo , 6º ed., pág. 81, 2000.

FAZENDA, Ivani C. A. **Metodologia da Pesquisa Educacional: Pesquisa Qualitativa**. Cortez, São Paulo , 6º ed., pág. 57, 2000.

FRANCO, Marco Melo.**Práticas Pedagógicas em Contextos de Inclusão**. Situação de Sala de Aula: Organização e princípios didáticos para a gestão de sala de aula inclusiva: a gênese de práticas pedagógicas de atenção à diversidade. 1º Edição - Vol 3. Paco, Julho de 2018.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 90 e 91p.

GATTI, Bernardete A. **Estudos quantitativos em educação: Sem tradição sólida**. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v.30, n.1, p. 14, jan./abr. 2004

LEI Nº 13.146. Presidência da República - Secretaria-Geral. Planalto, 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 16,agosto e 2024.

LEI Nº 9.394. Presidência da República - Casa Civil. Planalto, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 15,agosto e 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Egler . Sentidos das Diferenças. Inc, Soc, Brasília, DF, v.4, p.103, jan./jun. 2011

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA . Portal do MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 09, julho e 2024.

PERTILE, Eliane Brunetto. Trabalho e Formação Docente Para O Atendimento Educacional Especializado. São Paulo, 2015. 2p.

QUAL É A DEFINIÇÃO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA?. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2022. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-inclusao/qual-e-a-definicao-de-pessoa-com-deficiencia>>. Acesso em: 04, julho e 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos:** O Tempo da Alfabetização - 1, ed., 1º reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017. 342p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento:** O que funciona na alfabetização? - 7. ed., - São Paulo: contexto 2017. 134p.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos:** Métodos de Alfabetização - Sempre uma questão: Por quê? - 1, ed., 1º reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.31p.

VASCONCELOS, L. M. A., & D'Araújo, L. M. (2014). **Deficiência:** Questões Conceituais e Aprofundamentos Teóricos. São Paulo: Editora do Brasil.